

Emissões máximas, esforços mínimos

A liberação de gases de efeito estufa nunca foi tão alta. Ao mesmo tempo, avaliação das contribuições nacionais para contê-los aponta uma redução de apenas 2,6% até 2026, colocando a meta principal do Acordo de Paris sob ameaça

» PALOMA OLIVETO

As duas semanas da Conferência do Clima de Baku, no Azerbaijão (COP29), que começa em 11 de novembro, dois documentos da Organização das Nações Unidas alertam que o mundo está na direção errada na luta contra as mudanças climáticas. Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM), a emissão de gases de efeito estufa bateram novo recorde no ano passado, e o dióxido de carbono (CO₂) acumula-se na atmosfera mais rapidamente do que em qualquer outro momento da existência humana. Ao mesmo tempo, os compromissos nacionais para inverter a trajetória estão muito aquém do necessário, diz um documento técnico da ONU.

Todos os anos, a Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas da ONU (UNFCCC) faz o acompanhamento das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), metas estabelecidas por cada signatário do Acordo de Paris para evitar que o aumento da temperatura global exceda 1,5°C até o fim do século. Publicado ontem, o relatório técnico de 2024 mostra que os compromissos climáticos assumidos pelos 195 países reduzirão apenas 2,6% das emissões de gases de efeito estufa até 2026, em comparação com os níveis de 2019.

A síntese traz informações dos últimos 168 planos climáticos comunicados à ONU até 9 de setembro — o Brasil está entre os países que reportaram atualizações nas NDCs. Considerando os dados apresentados pelos signatários, as emissões totais de gases de efeito estufa pela queima de combustíveis fósseis chegarão, em 2030, a 51,5 gigatoneladas de CO₂ equivalente. Esse número exclui os lançamentos provenientes de desmatamento e atividade agropecuária.

Pico

As emissões previstas são 49,8% mais altas do que em 1990. Isso indica que é possível que o pico dos lançamentos globais de gases de efeito estufa seja atingido antes de 2030. “Os atuais planos climáticos nacionais estão muito aquém do que é necessário para impedir que o aquecimento global paralise todas as economias e destrua bilhões de vidas e meios de subsistência em todos os países”, comentou, em nota, Simon Stiell, secretário-executivo da UNFCCC.

Stiell destacou que a próxima rodada de NDCs, que tem de ser enviada até fevereiro de 2025, deve exibir “um aumento drástico” na ação e ambição climática. “Embora esses planos não sejam universais e sejam determinados nacionalmente, eles devem ter novas metas de emissões ambiciosas que sejam para toda a economia, cobrindo todos os gases de efeito estufa, mantendo viva a meta do 1,5°C”, continuou Stiell. “Eles devem ser divididos em setores e gases. E devem ser confiáveis, apoiados por regulamentações, leis e financiamento substanciais para garantir que as metas sejam cumpridas, e os planos, implementados”, disse.

Nick Humphries/Divulgação



Em 2023, a concentração global de dióxido de carbono na atmosfera foi 151% maior do que o registrado no século 19. As emissões cresceram 49,8% em três décadas

A poluição por gases de efeito estufa a esses níveis garantirá um naufrágio humano e econômico para todos os países, sem exceção”

Simon Stiell, chefe da UNFCCC

Embora o Brasil tenha sido um dos 34 países a atualizar suas NDCs, Juliana Bueno de Araújo, doutora em Riscos e Emergências Ambientais e diretora técnica do Instituto Internacional Arayara, considera que o potencial de cumprilas é baixo. “A lentidão na implementação

IISD/ENB/Divulgação



de políticas climáticas e a falta de ações efetivas estão limitando a capacidade do Brasil de reduzir emissões”, diz. “Para reverter essa situação, é crucial adotar medidas mais ambiciosas e acelerar a transição energética”, avalia.

“A poluição por gases de efeito estufa

a esses níveis garantirá um naufrágio humano e econômico para todos os países, sem exceção”, alertou Simon Stiell. “O relatório síntese da UNFCCC deverá marcar um ponto de virada, encerrando a era da insuficiência e desencadeando uma nova era de aceleração, com novos planos nacionais de ação climática muito mais ousados e por parte de todos os países no próximo ano.”

Boletim

A meta de 1,5°C até o fim do século é tecnicamente possível, segundo o Pnuma, mas o desafio para alcançá-lo cresce a cada novo recorde quebrado. O novo Boletim Anual de Gases de Efeito Estufa da OMM informa que a concentração média global de CO₂ atingiu, em 2023, 420 partes por milhão (ppm). De metano, foram 1.934 partes por bilhão (ppb) e, de óxido nítrico, 336,9 ppb. Esses valores correspondem a 151%, 265% e 125% dos níveis pré-industriais, respectivamente, no século 19.

“Mais um ano. Mais um recorde. Isso deve fazer soar o alarme entre os

tomadores de decisão. Estamos claramente fora do caminho para atingir a meta do Acordo de Paris de limitar o aquecimento global a bem abaixo de 2°C e almejar 1,5°C acima dos níveis pré-industriais”, reagiu Celeste Saulo, secretária-geral da OMM.

O aumento de CO₂ na atmosfera em 2023 foi maior do que em 2022, embora menor do que nos três anos anteriores. Pela 12ª vez consecutiva, o crescimento anual ultrapassou 2ppm. A última vez em que a Terra concentrou tanto dióxido de carbono foi de 3 a 5 milhões de anos atrás, quando a temperatura estava 2°C a 3°C mais quente, com o nível do mar até 20m acima do registrado atualmente.

“É evidente que a mudança climática está acelerando em vez de continuar de forma constante”, diz Richard Allan, professor de Ciências Climáticas da Universidade de Reading, no Reino Unido. “Parar o aquecimento global estabilizando o clima da Terra e limitando danos causados pelo agravamento do clima extremo e pelo aumento do nível do mar só é possível por meio de cortes rápidos e massivos nas emissões.”

Flickr/Divulgação



Magnólia (*Magnolia sharpii*), uma das espécies que entraram na lista deste ano

Uma em cada 3 árvores em risco de extinção

A primeira *Avaliação Mundial das Árvores*, publicada ontem pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), aponta que 38% das espécies arbóreas do mundo estão ameaçadas de extinção. O documento, divulgado na Conferência da Biodiversidade em Cali, na Colômbia (COP16), aponta que, das 47.282 identificadas, 16.425 podem desaparecer.

A lista vermelha da IUCN, um inventário global do estado de conservação de vegetais e animais, foi atualizada com mais números alarmantes. Do total de 166.061 espécies avaliadas, 46.337 estão ameaçadas de extinção e 10.235 encontram-se em perigo crítico. Mais de 900

já desapareceram.

A Colômbia, um dos países com maior biodiversidade do mundo, recebe a COP16 até 1º de novembro. No encontro, 23 mil delegados de 196 países tentam chegar a acordos que permitam deter a destruição da natureza.

Dobro

As árvores representam, atualmente, mais de um quarto do inventário da IUCN, e o número das espécies ameaçadas é mais do que o dobro do número de todas as aves, mamíferos, répteis e anfíbios em risco, combinados. “As árvores são essenciais para manter a vida

na Terra devido ao seu papel vital nos ecossistemas, e milhões de pessoas dependem delas”, sublinhou Grethel Aguilar, diretora-geral da IUCN, no relatório.

O primeiro panorama global do estado de conservação das árvores é resultado da mobilização de uma rede global de mais de 100 parceiros institucionais e mais de 1 mil especialistas. “Esperamos que esta estatística assustadora, de uma em cada três árvores em risco de extinção, estimule ações urgentes e seja usada para orientar planos de conservação”, disse Eimear Nic Lughadha, pesquisadora principal de avaliação e análise de conservação no Jardim Botânico Real de Kew, na Inglaterra.